



CERJ Boletim

Ano 73 - Número 654 - maio e junho de 2012

Impresso

O CERJ NO SOPÉ DO EVEREST



Puppim, Zé Killi, Iara e Arthur





EXPEDIENTE 2012

Presidente:

Waldecy Mathias Lucena

Vice-Presidente:

José de Oliveira Barros

Secretárias:

1- Patrícia Rocha

2- **Márcia D'Avilla**

Tesoureiras:

1- Moníca Esteves

2- Karina Mota

Diretor Técnico:

Rafael Villaça

Supervisão Técnica:

Gustavo Diniz

Diretor Social:

Michelle Baldini

Diretor de Ecologia:

Henrique Menescal

Diretor de Divulgação:

Vago

Conselho Deliberativo

Presidente:

Nino Bott de Aquino

Conselho Fiscal:

Maria Genoveva Von Hubinger

Jana Menezes

Iara Anibolette

Boletim Informativo do CERJ

Diagramação: Waldecy Lucena

Os artigos assinados não representam necessariamente a posição da entidade. É permitida a reprodução dos artigos desde que citada a fonte.

Escarlar é um esporte de risco.

De 23 de abril a 01 de maio rolou a Semana do Montanhismo Brasileiro, evento sem precedentes no Brasil. Numa semana cheia e concorrida, tivemos o Segundo Encontro de Gestores de Parques, Encontro de Pesquisadores, Oficinas, Palestras, Cinema na Montanha, Museu do Montanhismo e a nossa tradicional ATM para findar esta inesquecível semana. Eu e que o diga pois hospedei em minha casa nada mais nada menos do que duas lendas do montanhismo mundial: Colin Haley e Jim Donini. Irado!!!!

Pudemos mostrar para a sociedade a força e organização do montanhismo nacional – os organizadores do evento estão de parabéns. Que venham outros!

Mudando de assunto, agora nosso CERJ. Já está a disposição dos associados duas assinaturas de revistas: a espanhola DESNIVEL e a americana CLIMB. Para o mês de junho, o clube contará com Wi-Fi. E agora com o fim do CBM, já podemos pensar nas reformas da nossa sede, começando pela manutenção básica: reforma da iluminação do clube, manutenção nos ar condicionados e suas estruturas de suporte, retirada das venezianas externas, reformas das esquadrias e mais para frente....nosso bar.

E para terminar: mais um CBM está por acabar. Aos alunos deste curso, espero que curtam ao máximo nossas montanhas e sejam bemvidos a família CERJ!!!

Abraços,
Wal (Presidente CERJ)

DATA	ATIVIDADE	LOCALIZAÇÃO	CLASSIFICAÇÃO	GUIA
05/mai	TRAVESSIA DAS TORRES DE BONSUCESSO	PETP - Bonsucesso (Terê)	pesada c/rapel	Wal
13/mai	DESCIDA DOS RIOS NO VALE DO ARCHER	PARNA TIJUCA	caminhada leve	Roberto Schmidt
20/mai	CIRCUITO DO ANHANGUERA	PARNA TIJUCA	caminhada leve	Roberto Schmidt
26/mai	SERRA VELHA - CAMINHO DO TREM	PETRÓPOLIS	caminhada leve e cultural	Miriam Gerber
10/jun	CAMINHADA DOS VETERANOS	PARNA TIJUCA	caminhada leve	Roberto Schmidt
17/jun	CAMINHO DAS GRUTAS	PARNA TIJUCA	caminhada leve	Roberto Schmidt
23/jun	MÃE D'ÁGUA	CORREIAS - PETRÓPOLIS	caminhada semi-pesada	Miriam Gerber
30/jun	FESTA JUNINA EM SALINAS	PETP - NUCLEO SALINAS	caminhadas e escaladas	Michelle Baldini

O CERJ AGRADECE...

Ao Etzel pela doação ao Departamento Técnico de uma caixa cheia de grampos de titânio. Vem cair bem para nossas manutenções de grampos de inox.

Ao Claudio Leuzinger por doar ao clube dois DVDs de filmes super 8 que ele tinha de excursões do CERJ de mais de trinta anos atrás. Imperdível!

Ao Claudinho, Sobral e Luis Guedes pela doação de material técnico-histórico para o Museu do Wal de historia do montanhismo.

Ao CERJ pela doação de R\$ 1.200,00 para a Semana do Montanhismo.

ANIVERSARIANTES DO MÊS

Maio

- 04 – José Carlos Muniz Moreira
- 06 – Ronaldo Paes
- 10 – Rogério Thees
- 13 – Domingos Sávio Teixeira
Eval Olympio Egito
- 14 – Carlos Alberto Carrozzino
- 15 - Centro Excursionista Petropolitano
- 16 – Walter Chaverry Velloso
-- Diego Scofano Moura Mello
- 21 – Solange Conde Marcello
- 23 – Maria de Lourdes Figueiredo
- 24 – Luiz Carlos Guedes de Souza

Junho

- 03 – Patrícia Rocha
- 06 – Cláudio Rogério Vicenti
- 14 – Milena Piraccini Duchiate
- 17--Natascha Krepsky
- 19 – Leia de Macedo Rocha
- 24 – Irene Trigona
- 28 – Norma de Almeida

Campo Base do Everest



Departamento

Sagarmatha



Jorsal

(Take Y...)

st, abril de 2012 / 2069

Nepal Government



Ministry of Forest and Soil-Conservation
Department of National Parks Wildlife Conservation

Sagarmatha National Park

(A World Heritage Site)

Main Entrance Gate, Jorsalle

(Obtain your Entrance Permit before Entering the Park)

POR
JOSÉ BARROS (ZÉ Killi)

Tudo começou lá por abril ou maio do ano passado, quando recebi um telefonema do Arthur ou do Puppín, ou ainda dos dois, nem sei mais, me convidando para almoçar com eles na cidade; como meu empregador é muito camarada, logo me liberou para o evento e durante tal encontro, aonde estavam presentes além daqueles dois o Velho Fajardo e o Iribarne, foi lançada pelo Arthur a idéia de fazermos este trekking que o gajo sonhava há muito tempo, principalmente pela possibilidade de dormir uma noite no Campo Base do Everest, local de passagem obrigatória de todos os que pretendem alçarem-se ao ponto culminante da Terra.

De imediato todos aderiram a idéia e nas semanas seguintes foram feitos vários contatos e pesquisas até que chegamos a um acordo de contratar via "Pisa Trekking" uma operadora paulista, a "Morgado Expedições", de cujo guia brasileiro Manoel Morgado revelou-se uma excelente escolha. Durante este período de pesquisas, tivemos a adesão da Morine, amiga do Arthur da Petrobras, do Egito do CEB e da nossa querida Iara do CERJ, mas também tivemos duas desistências, a do Velho que é de presença sempre desejada, mas também sempre duvidosa e a do Iriba que infelizmente precisou fazer uma cirurgia de urgência e ficou impossibilitado de participar da expedição.

Nós seis daqui do Rio, fizemos uma programação diferente dos outros 13 membros da expedição oriundos de vários pontos do Brasil, en-

quanto eles programaram para partir de São Paulo no dia 27 de março com destino a Doha e de lá para Kathmandu, nós optamos por partir dia 23 de março via Londres aonde fizemos 3 pernoites antes de no dia 27 voar para Doha e nos juntar ao resto do grupo para chegar a Kathmandu no Nepal no dia 28 de março, quando começa oficialmente nossa expedição.

Nossa passagem por Londres revelou-se uma escolha felicíssima, só tivemos sol e céu azul o tempo todo; acho que gastamos todo o estoque anual de tempo bom da cidade que é famosa pelos dias chuvosos e cinzentos, além do mais, nossos guia londrino Sir Arthur foi competentíssimo em nos ciceronear pela velha charmosa Londres. E essa nossa estadia em Londres também serviu para quebrar um pouco os efeitos do fuso, ou será confuso horário, já que chegamos com apenas 3 horas de diferença para o Rio, no dia seguinte passou para 4 horas pois eles entraram no horário de verão e para Doha teremos +2 horas de diferença e finalmente, em Kathmandu estaremos 8 horas e 45 minutos à frente do horário de Brasília; o organismo que se vire para adaptar-se.

Os três mosqueteiros Arthur, Puppín e Egito, marcaram lugar no voo da British, pagaram taxa extra para isso e não obtiveram os lugares almejados; no trecho com a Qatar pediram comida Kosher e se deram mal; enquanto isso, eu que não marquei nada obtive bons assentos, comi muito bem e ainda ganhei um



up-grade para a classe executiva na Qatar para o trecho entre Doha e Kathmandu, e meu assento era na janela do lado bom para ver o Himalaia na aproximação para pouso em Kathmandu; coisas da vida!

Everest para os ocidentais, Sagarmatha, "a deusa mãe da Terra", para os nepaleses ou Qomolongma para os tibetanos; a mais alta montanha da Terra vem, por décadas, povoando os sonhos de montanhistas e aventureiros e, mais recentemente, de pessoas comuns como nós, de todas as partes do mundo, de várias idades, profissões e interesses, que têm uma coisa em comum: o amor pelas montanhas e por culturas pouco influenciadas pelo Ocidente.

Nessa viagem caminharemos por trilhas usadas há centenas de anos pela população local, pois caminhar é o único meio de locomoção no acidentado relevo das montanhas do Nepal. Por 23 dias conheceremos vilarejos e mosteiros rodeados pela mais linda paisagem deste planeta, tudo isto ciceroneados por um guia brasileiro com experiência de duas décadas na região; o **"Manoel Morgado"**, que nos guiará no Circuito - Kathmandu / Lukla / Monjo / Namche Bazaar / Thamo / Kunde / Deboche / Dingboche / Thukla / Lobuche / Gorak Shep / Campo Base do Everest / Dingboche / Deboche / Monjo / Lukla / Kathmandu.

A aventura já começa em Kathmandu aonde chegamos no dia 28 de março, e apesar do Nepal abrigar a 7ª população mais pobre do planeta, Kathmandu é um local extremamente pacato, praticamente livre de violência principalmente por causa de suas raízes religiosas baseadas principalmente nas filosofias Budistas e Hinduístas, as duas principais religiões praticadas pelos nativos, aonde a teoria do karma é levada a sério; tudo que aqui se faz aqui se paga, ou nessa ou numa próxima encarnação. O trânsito é profundamente caótico, a poluição atmosférica é visível a olho nu e a sonora é de enlouquecer; vai gostar de buzinar assim lá na Conchichina! Mas apesar de todo o caos do trânsito que mistura carros, riquichás, motos, bicicletas, tuk-tuks, pedestres e às vezes até umas vaquinhas também, não presenciamos um acidente sequer, e olha que das centenas de cruzamentos que passamos, apenas uns 10 tinham sinal de trânsito e destes apenas uns 3 ou 4 funcionavam.

Antes de voar para Lukla, aonde começa realmente nosso trekking, tivemos 3 pernites no Radisson, um dos hotéis de 5 estrelas da cidade, muito bem localizado a uns 15 minutos a pé do bairro turístico mais badalado da cidade, o Tamel, aonde a turma acabou de comprar os equipamentos que faltavam para o bom desempenho no trekking, aonde come-se bem fora dos 5 estrelas e aonde nos misturamos a todo tipo de gente, tanto turistas do mundo inteiro como aos habitantes locais; uma grande e interessante mistura. Nesses dias que antecederam nossa ida para Lukla, nosso guia nos levou a vários pontos interessantes da cidade e visitamos belos templos budistas e hinduístas e ficamos conhecendo um pouco da história do Nepal e de seu pacato povo. No hotel, e nas ruas também, o povo local ficou impressionado com minha cabeleira nevada e um dos atendentes do restaurante não resistiu e veio me pedir para ser fotografado ao meu lado; mais uma vez eu virei alvo da curiosidade alheia, o verdadeiro E.T. Mas eu já estou acostumado!!!



E finalmente chegou o dia de passar das amenidades para a coisa séria, pois afinal de contas viemos aqui para ouvir histórias ou pra caminhar ?

Sábado 31 março 2012, alvorada às 04h da manhã para pegarmos o primeiro vôo para Lukla, o aeroporto mais perigoso do mundo, construído numa ladeira com aproximação entre picos escarpados numa estreita garganta em curva encravado a 2.860m de altitude na base de outra montanha; verdadeiramente impressionante. Estamos com sorte, pois não raro estes vôos são suspensos por absoluta

falta de visibilidade lá em Lukla, coisa que não está acontecendo hoje e conseguimos manter nossa programação e às 06:50h já pousávamos em Lukla com toda a segurança, não é a toa que os pilotos desta rota são considerados como estando entre os melhores do mundo.

A pista do aeroporto de Lukla, considerado o aeroporto mais perigoso do mundo, está encravada a 2.800m de altitude, possui uma inclinação de 12°, com 450m de comprimento e 20m de largura, tendo a cabeceira mais alta terminando de cara num imenso barranco, e a mais baixa num precipício de 700m de profundidade; é realmente impressionante pousar e levantar voo neste aeródromo. Quando o aeroporto de Lukla fecha para pouso, a rota alternativa é uma caminhada de 5 dias a partir do final da estrada em Jiri.



No **1º dia de trekking**, partimos de Lukla, região do Khumbu por onde faremos todo o nosso trekking, e em 5 horas e meia de efetiva caminhada, depois de muitos sobe, desce, e de atravessar 3 longas pinguelas sobre leito de rios caudalosos fluindo no fundo dos vales, e sobe de novo até chegar a Monjo de novo a 2.800m aonde tivemos nosso primeiro pernoite na montanha, se bem que pra eles aqui, essa altitude é considerada um morrinho e não uma montanha.

No **2º dia de trekking** adentramos o parque propriamente dito; o "Sagarmatha National Park" que delimita a área aonde está o ponto culminante da terra e toma de mais sobe, des-

ce para de novo subir e outra vez descer para subir repetindo a ladainha até chegar aos 3.400m de Namche Bazaar, o maior vilarejo da região do Khumbu, o mais populoso e mais bem servido de todos, Passamos mais duas pinguelonas e um belo mirante de onde avistamos pela primeira vez o Everest, o Nuptse e o Lhotse a quarta montanha mais alta do mundo, cada um mais belo que o outro, e depois de umas 4 horas de efetiva caminhada chegamos a Namche Bazaar para nosso segundo pernoite. Fiquei admirado com a fúria comprista da maioria dos componentes deste nosso grupo; até aqui em cima a turma não para de comprar, e não estou falando exclusivamente das meninas não; os meninos estão numa disputa feroz com elas e acho até que estão vencendo; dos cariocas o único que ficou imune a esta saga fui eu.

Neste **3º dia de trekking**, saímos da rota tradicional da grande maioria dos trekkings da região, e pegamos logo uma bela subida para esquentar os músculos, e quando descemos novamente até o fundo de um vale aonde atravessamos outro rio, nosso guia nos propôs um caminho "off road" como ele denomina, que nada mais é do ao invés de seguir a trilha contornando o morro em suave curva de nível, é enfrentar a encosta num toca pra cima de uns 100m via caminho de yak bem mais puxado que a trilha normal, coisa que desta vez a maioria do grupo topou, mas que serviu também para separar os que amanhã farão um outro off road 6 vezes maior que este para

chegar ao nosso quarto Lodge, e assim o grupo para amanhã ficou reduzido a 8 pretendentes. Fizemos uma pausa para nosso lanche num imenso platô a 3.685m ao lado de um Lodge luxuoso, antes de prosseguir morro acima até o Mosteiro "Luw Gopa" a 3.800m aonde ficamos das 12h até às 14:45h, período em que tivemos contato com Ani e Lama, os únicos monges que habitam este mosteiro há mais de 20 anos e eles nos apresentaram com uma Kata (espécie de lenço de pescoço feito de seda) para cada um; aí também tivemos nosso almoço antes de descermos para os 3.400m do nosso alojamento desta noite em Thamo, depois de 4 horas e 15 minutos de efetiva caminhada.

Para este **4º dia de trekking**, iremos para Khunde, outro lugarejo ainda fora da rota tradicional dos trekkers. Nosso subgrupo partiu de Thamo às 07:50h com o guia principal e mais dois Sherpas e 3 representantes dos cariocas entre os 8 trekkers, enquanto os demais partiram mais tarde com a Lisete, a segunda guia e os demais Sherpas. Temos que retornar parte do caminho, mas desta vez vamos pela base do morro e não pelo alto que foi como chegamos aqui ontem. Cruzamos de volta o rio e com mais uns 15 minutos de caminhada chegamos ao ponto aonde tomaremos uma rota diferente da do resto do grupo. Abastecemos nossos cantis e partimos para um off-road de 600m bem íngremes, porém mais tranqüilo do que imaginávamos, trajeto no qual tivemos a oportunidade de ver alguns "Danthis", os famosos Faisões Reais e que nos leva direto a denominada "Crista Hillary" a 4.200m de altitude; meu 8º quatro mil por este mundo afora (Alpes, Andes, Kilimanjaro e agora Himalaia) nada mal.

Levamos duas horas para vencer o desnível e ficamos na crista por 45 minutos como parte da estratégia de aclimação, pois desceremos para dormir em *Khunde* a 3.800m, e neste período avistamos o restante do grupo que chegava na entrada do vilarejo. Durante nossa estada na crista, tivemos a oportunidade de fotografar os vários cumes à nossa volta, e um dos Sherpas colocou pra tocar um sucesso local, o Firiri e todos dançamos animadamente com eles; haja fôlego para dançar pulando como eles nesta altitude, é, esta parte da turma esta em ótima forma. O tempo fechou e começou a nevar e nós cantamos pra descer 15 minutos antes do previsto. Felizmente, neste lado da encosta temos trilhas bem definidas em curva de nível e a descida mesmo debaixo

de neve foi tranqüila, e quando chegamos praticamente na base da trilha, cruzamos com o outro grupo subindo para a crista debaixo da nevasca, mas eles precisam ir até a crista por conta do esquema de aclimação. Em 4 horas de efetiva caminhada nosso sub-grupo chegou a Khunde; a turma que chegou pela trilha normal o fez em 3 horas, mas agora terão que gastar aproximadamente mais duas horas para ir e voltar da Crista Hillary e debaixo de neve.

Ao fim deste **5º dia de trekking**, estaremos de volta ao circuito usual dos trekkers e partimos às 08h como de costume e depois de hora e meia de caminhada com as incontornáveis subidas e descidas para subir de novo, atravessamos mais uma imensa pinguela quando tivemos que esperar a saída de uma tropa de yaks que vinha em sentido contrário; estes animais são doces ao extremo e em momento algum tivemos problemas com as dezenas de tropas com que cruzamos ao longo do caminho. e lá vem outra bela subida; segundo nosso guia, ao final deste trekking entre subidas e descidas teremos feito um desnível equivalente a 10.000m, é isso mesmo, mais do que a altura absoluta do próprio Everest.

Após caminhada efetiva de 5 horas chegamos a Tengboche (3860 metros). **Esse é o maior** mosteiro do Khumbu e sede de importantes festivais. Destruído em um incêndio em 1989, agora está totalmente reconstruído em seu antigo esplendor. Após o almoço visitamos o mosteiro por uns 20 minutos quando assistimos a parte de uma celebração pelos monges locais e a seguir prosseguimos por mais vinte minutos de caminhada, agora só descendo, até Deboche (3.820m) aonde nos hospedamos em um dos mais novos Lodges do Khumbu com todos os quartos de frente ao Everest

Por volta das 18h começou a nevar e nevou durante o resto da noite e madrugada toda. Hoje compreendemos o porque do nosso guia nos proibir de comer carne durante o trekking; vimos como a carne é comercializada por aqui; chegou um gajo com um pernil de yak ou outro bovino no ombro sem nenhuma embalagem, colocou a peça sobre uma pedra e começou a cortar pequenos retalhos para seu freguês, cuidados higiênicos zero; os nativos têm anticorpos para rebater esta situação, mas nós outros não os temos e precisamos evitar tal consumo para nos mantermos em forma. Esta carne normalmente vem de Katmandu por via terrestre e leva vários dias para chegar até

aqui sem maiores preocupações de conservação.

As belas vistas a partir deste local pela manhã, ao nascer do sol, são simplesmente deslumbrantes. Ao nosso redor os grandes gigantes do Himalaia como o Tramserku, Kantega, Ama Dablam, Lhotse, Nuptse, e, é claro, o Everest, iluminados pela suave luz do amanhecer. E para isso se necessita apenas abrir a cortina **da janela de nosso quarto... E assim foi conosco**, pois de manhã não estava mais nevando, mas tudo à nossa volta estava branquinho.

Neste **6º dia de trekking** iniciamos nossa caminhada às 07:50h e lógico passamos por mais uma ponte, esta fixa, haja pontes pelo caminho. Subimos, o que não é novidade, até Pangboche de Cima (3.930m), aonde visitaríamos o famoso e respeitado Lama "Geishe Rimpoche" que é ponto de parada obrigatório para todos os grupos que vão tentar o cume do Everest, quando numa cerimônia de aproximadamente 2 horas o Lama abençoa e roga proteção para todos os membros do grupo, e como no momento ele estava justamente ocupado com um desses grupos, nós remeteremos esta visita para o nosso caminho de volta. Estamos penetrando na morada dos deuses e a benção de Chomulongma, a **Deusa Mãe da Terra**, nos protegerá nos dias que se seguirão. Valeu a intenção, pegaremos a benção na volta. Com 4 horas e 45 minutos de efetiva caminhada chegamos a Dingboche (4.200m), meu **9º quarto mil**. **Esse é o vilarejo mais alto do Khumbu com habitação permanente.**

Esta foi nossa pior noite de sono até aqui, quem não tomou nenhum remédio como eu, teve dificuldades para dormir, mas mesmo assim amanheci em plena forma e não tive até o momento nenhum outro sintoma de MAM, mas a maioria da turma já teve dor de cabeça, enjões, diarreia e outros sintomas do famigerado MAM.

Para este **7º dia de trekking**, nevou durante toda a noite e madrugada, e bastante. Partimos às 08h e apesar da noite mal dormida, ninguém parece detonado para enfrentar a jornada que promete ser dura. Andamos o tempo todo por trilhas nevadas e com pouca visibilidade, em boa parte do percurso era preciso manter bastante atenção para não sairmos da rota; vez por outra abria-se uma janela e tínhamos visão do panorama à nossa volta. Após 3 horas de efetiva caminhada, sempre debaixo de neve, chegamos ao Yak Lodge em

Thukla a 4.620m aonde pernoitaremos hoje, mais um 4 mil pra coleção. Nos instalamos, e após o almoço o grupo partiu mais uma vez morro acima, como parte do programa de aclimatação; a intenção inicial era que todos fossem até os 4.900m, mas nem todos conseguiram, e no final das contas, do grupo todo, 10 incluindo eu e os 3 mosqueteiros fomos até os 5.000m (o meu **4º cinco mil metros**), dois foram até os 4.900m, 3 outros chegaram aos 4.700m e os demais voltaram de diferente cotas. Todos partimos do Lodge às 13h, o grupo dos 10 chegou aos 5.000 às 15h e de volta ao Lodge às 16h, perfazendo assim um total de 6 horas de efetiva caminhada neste dia. Aqui também caminhamos o tempo todo na neve, e quando iniciamos a descida dos 5 mil, o tempo abriu e tivemos bela visão do panorama das montanhas à nossa volta e ficou assim até a hora do por do sol; belo espetáculo, mas para desfrutá-lo, tem que merecer!

Neste **8º dia de trekking**, teremos uma jornada mais leve, e só partimos do Lodge às 09h, com temperatura bem fria, mas com sol, tempo aberto com visão total dos 360º à nossa volta; como o Himalaia é bonito! A primeira parte da caminhada é mais um danado toca pra cima só para não perdermos o embalo, e que nos leva a um imenso platô aonde instalaram um memorial aos Sherpas, aonde fizemos uma pausa de boa meia hora para fotos e apreciação das instalações do local. Prosseguindo nossa caminhada, agora por trilhas mais camaradas, com aclives mais suave e por vezes grandes planaltos, finalmente às 11:30h chegamos ao nosso Lodge em *Lobuche 4.910m*, portanto hoje foi o dia mais leve de todos, caminhamos efetivamente apenas umas duas horas e temos o resto do dia livre. Depois do almoço, A Lara, o Gilson e eu resolvemos fazer um pequeno passeio nos arredores do Lodge; nenhum dos demais se animou a ir conosco. Subimos na crista de uma colina próxima ao Lodge, que nada mais é do que um dos flancos da geleira do Khumbu; valeu o passeio, mas não demoramos muito por lá, pois recomeçou a nevar.

Para o **9º dia de trekking**, voltamos ao horário de partida habitual das 08h e no caminho de subida, na altitude de 5.000m, mais um pro meu currículo, o Arthur, eu e mais uns dois ou três Sherpas escalamos um bolder só pra esquentar as juntas; muito legal. Após a brincadeira no bolder, saímos da trilha principal para visitar uma interessante construção em forma de pirâmide envidraçada que é na realidade

uma estação científica financiada pela Itália, com alguma ajuda em equipamentos da Alemanha e que estuda vários aspectos da geologia e da atmosfera terrestre, incluindo suas implicações sobre o famigerado aquecimento global. Após a visita as instalações locais, o grupo mais uma vez se dividiu; a maioria voltou com 4 Sherpas para pegar a trilha normal que é bem mais leve do que a que 8 de nós outros resolvemos enfrentar; desta vez só tivemos 2 representantes dos cariocas neste off-road; o Puppín e eu.



Mais uma vez, seguimos o guia principal acompanhado de mais 2 Sherpas e pegamos uma pirâmide de uns 140m de desnível partindo detrás da pirâmide e subindo até os 5.140m; é meus camaradas, não foi mole não, mas valeu a pena. Andando pela crista cruzamos com um grupo de italianos subindo no sentido contrário procurando justamente o caminho para a pirâmide. Mais ou menos a partir da metade do caminho de descida para encontrar a trilha principal, começamos a ouvir e ver nossos companheiros que chegaram no ponto de interseção das vias ao mesmo tempo que nós e assim prosseguimos juntos o restante do caminho até o Lodge em Gorak Shep a 5.140m de altitude aonde chegamos às 11:40h com aproximadamente 3 horas de efetiva caminhada até aqui.

Depois do almoço, nosso guia nos dividiu em 3 grupos para subirmos aos 5.555m do Kala Patthar, um apêndice do majestoso Pumori de 7.161m. A primeira turma guiada pelo próprio Morgado, ficou composta pelos mais lentos do grupo e partiram às 15h; na segunda composta pelos de ritmo mediano, no qual eu me incluo, segui guiado por 2 ou 3 Sherpas partindo às 15:30h, e a derradeira, a dos "the flashes", partiu às 16h com os Sherpas remanescentes. A dupla intenção desta caminhada morro acima, era principalmente ajudar na aclimação e de lambuja assistir ao por do sol sobre o conjunto Nuptse, Everest e Lhotse bem à nossa frente; com o que, infelizmente São Pedro não concordou preferindo aceitar a encomenda da Bufa que o Velho já havia feito. Ao invés de por do sol curtimos foi muito frio e neblina lá em cima, tanto que teve gente que nem subiu até o objetivo final, preferindo retornar do meio do caminho. Fiquei uns 20 mi-

nutos nos 5.555m, mas não esperei para descer com os últimos heróis da resistência; estava realmente muito frio lá em cima e praticamente não tínhamos vista alguma e até começou a nevar; uma das meninas chegou a apresentar um estado de princípio de hipotermia e teve que descer imediatamente.

No total fizemos mais 2 horas e meia de efetiva caminhada nesta visita ao Kala Patthar, o que somado ao tempo de caminhada desta manhã, nos dá um total de efetiva caminhada para a jornada de hoje de 5 ½ h; nada mal, principalmente levando em consideração o desnível absoluto de 645m em relação a Lobuche de onde partimos esta manhã, que na realidade, principalmente para o subgrupo dos 8 do off-road, foi bem maior o desnível total subido. Depois do jantar organizamos os grupos para amanhã, pois apesar da programação original que seria de todos dormirem a próxima noite no Campo Base, já deu pra notar que nem todos estão em condição de realizar este sonho.

Na realidade, apenas 12, dentre os quais os 4 do CERJ, do total de 19 trekkers vão encarar a parada e são eles: a Cintia, Lara, Morine e Cláudia representando a ala feminina, completando o grupo o Paulo, Gilson, Rafael, Elson, Adair, Arthur, Puppín e Zékili. Dentre os demais, 3 irão a pé, entre os quais o Egito, e um quarto a cavalo; ele está com o joelho bichado, até a entrada do campo base e retornarão para dormir em Gorak Shep, um que não subiu hoje ao Kala Patthar, o fará amanhã pela manhã retornando para dormir aqui também, enquanto os demais nem se afastarão do Lodge amanhã.

Continua no próximo boletim





SEMANA BRASILEIRA DE MONTANISMO

1ª SBM: Um marco histórico no Montanhismo brasileiro

Quem esteve na 1ª Semana Brasileira de Montanhismo, presenciou a história do montanhismo brasileiro sendo escrita, onde acordos foram firmados e passos importantes foram dados

A **1ª Semana Brasileira de Montanhismo - SBM**, que foi realizada entre os dias 23 de abril e 1º de maio de 2012, no bairro da Urca, Rio de Janeiro, foi o maior evento já organizado do montanhismo no Brasil.

O evento certamente ficará na memória dos participantes, palestrantes e convidados, como um importante marco na história do montanhismo brasileiro.

Quem esteve na SBM, presenciou a história do montanhismo brasileiro sendo escrita, projetos se materializando, onde acordos foram firmados e passos importantes foram dados. Além de ter sido palco de um grande encontro de montanhistas, ativistas e cientistas, todos em prol das montanhas e do esporte.

O objetivo principal do evento foi unificar esforços para discutir o uso sustentável do ambiente de montanha, honrar o compromisso com a ética de montanha, a proteção do meio ambiente e a organização do futuro do montanhismo e da escalada no país, e contou com a participação de cientistas, preservacionistas, gestores de unidades de conservação, atletas e usuários de ambiente de montanha.

Foram muitas pessoas engajadas na organização, produção e colaboração para que este evento fosse um sucesso. A todos os envolvidos na organização do evento, parabéns pela grandiosa contribuição ao montanhismo brasileiro.

Pudemos ver a interação de montanhistas e escaladores de diferentes lugares do Brasil, além de alguns estrangeiros que trouxeram sua experiência, conhecimento e histórias para compartilhar. O reencontro de amigos, a chance de conhecer novos, e a possibilidade de saber um pouco mais sobre diversos trabalhos e pesquisas realizados e em andamento para melhorias significativas para a atividade de montanhismo no país.

Que este tenha sido o grande momento para uma integração cada vez maior entre montanhistas de diversos estados do Brasil, pesquisadores e gestores de unidades de Conservação, para todos em conjunto participarem do crescimento e evolução de um montanhismo cada vez mais consciente e ético, prezando por seus princípios e valores, sempre lado a lado com a preservação ambiental das montanhas, e principalmente independente de seu histórico local e sua representatividade no cenário nacional, não importando aonde ou quando a atividade do montanhismo surgiu primeiro, mas sim que hoje esteja sendo representado e também reconhecido pela sociedade, um esporte que tem prática conhecida muito antes de muitos outros esportes nacionais.

Beto Joly

Assessoria de Imprensa da SBM



Pati Rocha com a galera da comissão da SBM: Delson, Jussara, Kika e Silvério.

2º Encontro de Parques de Montanha:

sucesso total!

2º Encontro de
Parques de Montanha



**Galera do CERJ
com Jim Donini**



**Jim Donini, Colin Haley, Angela Donini e Wal:
visitando a exposição História do Montanhismo,**

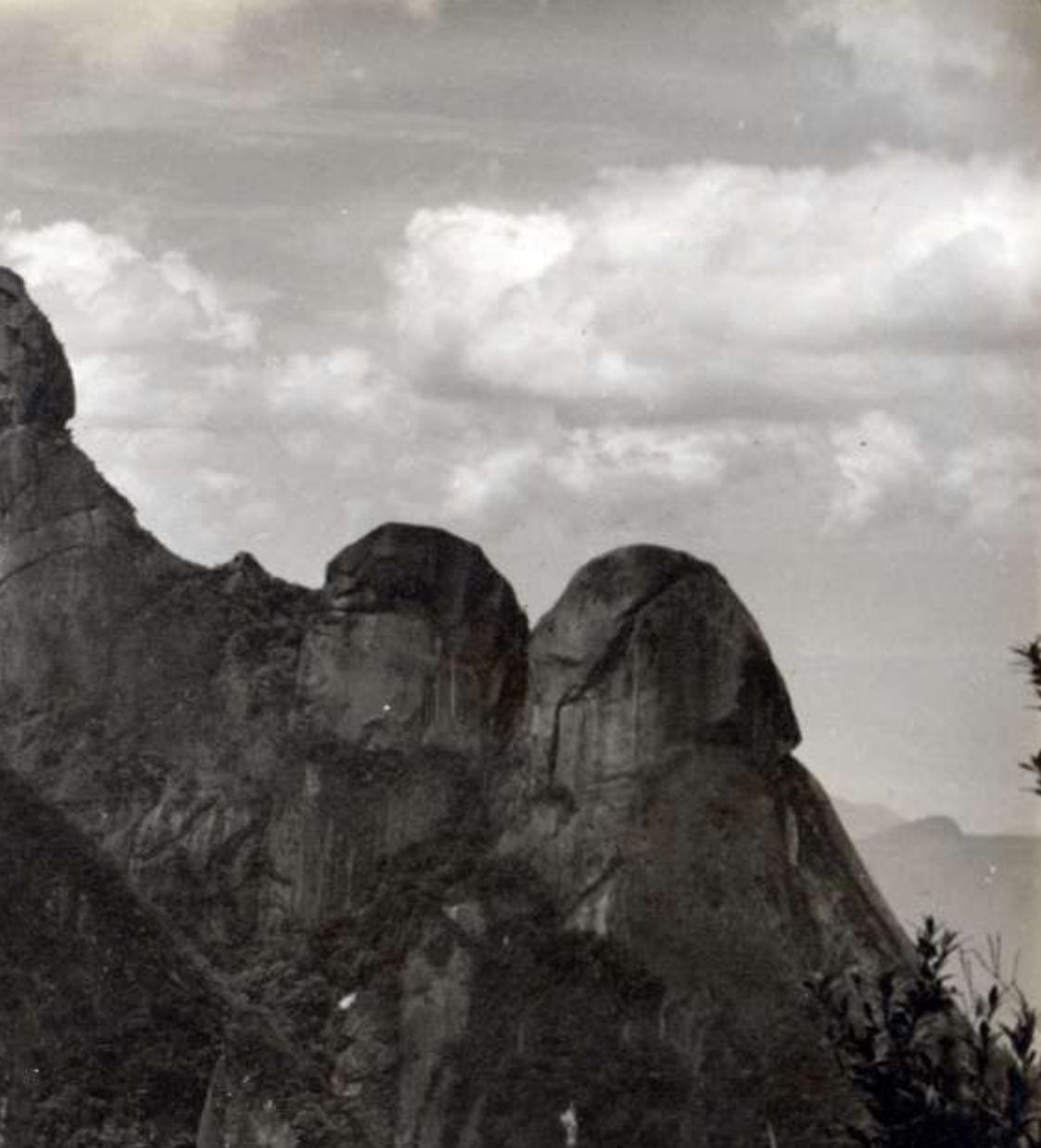
Portela palestrando



**Luciano Fiorenza, Sergio Tartari, Eliseu Frechou,
Jim Donini, Rodrigo Rainieri, Colin Haley, Edmilson Padilha.**

DEDO DE DEUS 100 ANOS





Mesmo com as fortes chuvas que assolaram Teresópolis, comemoramos no dia sete de abril os 100 anos da conquista do Dedo de Deus. E, apesar da tragédia, o evento foi bem concorrido. Começamos com as palestras e homenagens, e já com um fantástico anúncio feito pelo Ernesto Viveiros de Castro, coordenador de uso público do ICMBio: oficialmente estava encerrado a exigência de guia obrigatório no Parque Nacional de Veadeiros. Uma vitória de nós montanhistas que pregamos o montanhismo livre. Humm, o evento começou bem! De lá, fomos para o coquetel e a inauguração da exposição dos 100 anos do Dedo de Deus. Vale lembrar que desde novembro uma equipe se reunia para organizar os trabalhos para o evento. Eu estive presente representando a FEMERJ. E que venham mais cem anos!!!

Waldecy

Relato da Conquista

Sempre fiquei intrigado porque ninguém havia aberto uma via naquele espaço de parede. Talvez pela aparência bem vertical, ou por ser um pouco quebrenta. Quando ia escalar no Perdido do Andaraí, sempre olhava e pensava em conquistar uma via naquele lugar. Ao mesmo tempo em que eu queria conquistar a via, queria também prestar uma homenagem ao CERJ, clube que tenho uma grande estima.



O nome CERJ 70 surgiu em meados de 2008 quando pensei em homenageá-lo. Estava esperando a oportunidade de combinar os três desejos: conquistar aquela linha, naquela parede e ao mesmo tempo homenagar o CERJ nos seus 70 anos de vida. O primeiro a saber da idéia foi o Rafael, que logo se propôs a participar da empreitada. Aliás, o Rafael está sempre animado para essas roubadas. Ele foi o conquistador de parte do 5º esticção...

Tivemos a participação também, no início da conquista, do amigo Felipe Hidvegi,



que deu uma força no andamento dos trabalhos. E também do Arthurzinho "do Recreio" : -))), que conquistou parte do terceiro esticção. No total foram 6 investidas: a primeira foi com o Rafael, Felipe Hidvegi e eu; a segunda, Rafael e eu; a terceira Arthurzinho "do Recreio" e eu; a quarta e quinta Rafael e eu; e, finalmente, a sexta, Pedro Bugim e eu.

Demoramos um pouquinho a começar essa conquista... rrsrrsrrs. Começamos a conquista no dia 17/06/2011 (deveríamos ter começado em 2009 ou até antes hahahahaha), mas como somos montanhistas amadores (amantes do esporte), isto é, sem compromissos com as formalidades profissionais de: prazo, cronograma, meta, etc, as coisas acontecem de forma bem tranquila (sem estresse), naquela idéia de que um dia termina....rrsrrsrrs. Com isso, tivemos um pequeno atraso de 3 anos em relação ao aniversário do Clube....kkkkkkkkk.

Verdade seja dita, boa parte da descontinuidade da conquista se deve a compromissos particulares (Rafael também operou a patinha, o que deixou o caboclo fora de operação) e também ao calor infernal que faz no período de verão, no qual apenas alguns "loucos" :-), como o grande companheiro de cordada Pedro Bugim (conquistador do 6º esticção), não se incomodam de escalar nestas condições.... :-)))))

Aliás, para terminar foi uma dificuldade, pois somente o Pedro Bugim aceitou em encarar aquele calorão de final de verão para finalizar a via (aproximadamente 2 esticções finais). Finalmente terminamos em 17/03/2012, e fica aí a nossa contribuição para a comunidade escaladora e um grande presente para somar à história do nosso clube de coração - CERJ.

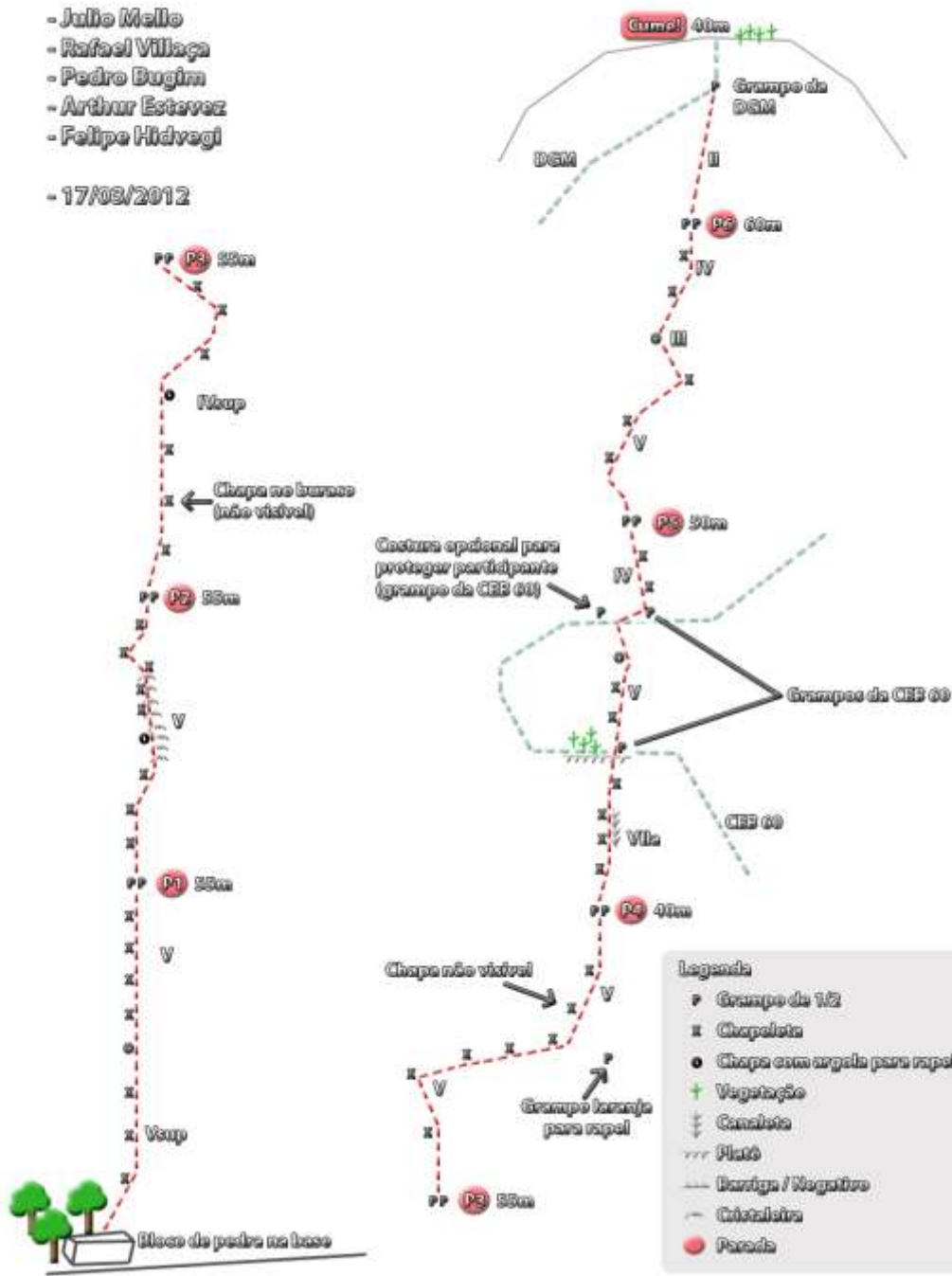


Pr. CERJ 70 (D3 5° Vila E2/E3 - 355m)

Pico do Perdido do Andaraí - Face NE

- Julio Mello
- Rafael Vilaga
- Pedro Bugim
- Arthur Estevez
- Felipe Hidvegi

- 17/09/2012



CBM 2012

Marcus Antunes

O Curso Básico de Montanhismo do CERJ ainda não terminou, mas o mesmo tem me fornecido uma experiência muito boa, me deixando uma sensação de que todo este aprendizado será só o começo de toda uma jornada. Não posso economizar elogios para todos os integrantes do curso e a dedicação aplicada a todas as atividades exercidas até agora.

Poderia dividir minha experiência de excursionista entre antes e depois de conhecer o Clube, pois até hoje não conheci grupo de montanha mais harmonioso quanto este. Fui me interessando pelo montanhismo à medida que ia viajando e percebendo que não existe forma mais prazerosa de se entreter

aproveitando as coisas que a natureza pode nos oferecer. Fui apresentado ao Clube pelo meu amigo e colega de trabalho Luciano Guerra e de cara topei o convite de participar do CBM 2012.

As atividades do curso se apresentam de forma prazerosa, tanto nas aulas teóricas quando nas aulas práticas. Nossos mentores nos entopem de informação sem ficar aquele

ar chato e massivo, muito pelo contrário. Começo então a perceber que montanhismo vai além de uma simples atividade esportiva. A conscientização que nos é passada é grande e fortemente embasada, o compartilhamento das experiências dos participantes é ativo a todo o momento. Minha visão sobre o montanhismo está muito mais ampla e detalhada graças a isso.

Aprendemos grandes lições no Curso. Sei agora que montanhismo não é só subir uma montanha, fazer uma trilha, escalar uma pedra, vai muito, além disso, exige toda uma

logística por detrás (fico ansioso para saber o que nos espera no tão polêmico acampamento, rsrs). Escalar não é mais um bicho de sete cabeças, e sim uma atividade que exige de forma homogênea do nosso corpo e mente. Para trilhar não basta sairmos de um ponto ao outro, há todo um conceito de preservação pessoal e ambiental que visa otimizar a caminhada.

Com a ajuda de todos estamos enxergando nossos limites e nos superando a cada aula prática. Nesse pouco tempo é perceptível nossa evolução. O CBM 2012 foi pra mim uma ótima experiência para perceber o que nos espera pela frente.

Luciano Guerra

Me lembro que as primeiras aulas práti-





o homem e a natureza e não só o prazer de chegar ao cume, há também todo o prazer durante o percurso ainda mais com as companhias que tivemos tanto de guias quanto de alunos.

Enfim, o CBM 2012 provocou tudo isso...agora vocês vão ter que nos aturar!!

cas de escalada eram um sufoco, pelo menos para mim, tinha o medo, a falta de confiança tanto em mim quanto no equipamento, até a forma de enxergar a pedra era diferente. Aos poucos, fui percebendo que o sufoco foi melhorando e ficando mais prazeroso. O medo ainda ta lá, mas a confiança foi aumentando e hoje percebo o resultado do CBM. Ainda falta muito pra evoluir, mas garanto que posso contar com todos os guias que nos ajudaram, nos aturaram, nos ensinaram e que nos botaram nessa furada...rsrs

Quando às caminhadas, durante o curso percebi que há toda uma conscientização ecológica, aquelas coisas que aprendemos na época de colégio e nunca saberíamos quando utilizar; durante o CBM somos lembrados de tudo isso e algo mais. E a todo momento colocamos em prática! Existe a harmonia entre

Rejane Terra

Estava no Baixo Gávea tomando um chopp, quando a minha amiga Priscilla me convidou para fazer o CBM 2012...Achei a idéia legal, mas não sabia muito o que esperar do curso. Na verdade, buscava um maior contato com a natureza, programas de caminhadas diurnas, enfim, queria sair da boemia...rsrsrsrs

Foi aí então que me deparei com o desafio de escalar...nunca tinha feito e fiquei "tensa" com essa novidade na minha vida...O primeiro dia foi duro...rsrsrs Não subi nem 10 metros e fiquei desesperada...teve até o tal de "Elvis" (tremedeira na perna de forma involuntária). Quase desisti, mas como era a primeira aula, resolvi tentar no outro dia...No dia seguinte, os nossos queridos Zé, Jana e Rafael me deram a maior força e apoio para prosseguir...Me falaram do "Elvis" e que isso era normal...Daí por diante, comecei a me superar e venho curtindo muito cada programa do curso. O pessoal é animado...e, principalmente, do bem total...

O CBM 2012, para mim, tem sido um sinônimo de superação e diversão...Estou adorando e com certeza vou prosseguir, buscando novos desafios...

Valeu galera do CERJ! Valeu pelo carinho e amizade com que nos receberam aí no clube!

PS: E pela grande paciência também!!!!

Beijos a todos!



No dia 11 de março, aconteceu mais um encontro das mulheres montanhistas, na Praia Vermelha. Este encontro, que a cada ano vem aumentando os seus adeptos, está se tornando parte efetiva no calendário anual dos montanhistas, mostrando a crescente participação feminina neste esporte.

Outrora uma brincadeira, onde os homens que fossem ajudar as mulheres nas vias escolhidas, teriam que colocar alguma peça feminina, este evento tomou tal rumo que neste último encontro mais de 100 mulheres participaram ao evento, escalando, caminhando ou simplesmente comparecendo ao local.

Como a parte masculina também compareceu para abrilhantar a festa, posso dizer sem medo de errar que este evento foi uma prévia da abertura de temporada. As meninas, todas vestidas com a camisa comemorativa, com aquele jeitinho peculiar, conseguiram um grande número de brindes que ao cair da tarde foi sorteado entre elas.

A parede do Babilônia parecia um formigueiro onde as meninas saboreavam todas aquelas vias. Haviam cordadas somente de mulheres e também mistas, mas sempre guiadas por

elas. Um espetáculo! A organização liderada pela Adriana Mello, não deixou dúvidas quanto ao empenho para que fosse feito um grande evento.

Além dos brindes, houve uma justa homenagem à Cintia Daflon e à Adriana Mello, que receberam um quadro comemorativo, com fotos de suas jornadas montanhísticas, juntamente com um buque de flores.

Particularmente fiquei muito emocionado, já que fui guiado pela Paty e pela Liane, duas meninas que tiveram uma grande evolução no esporte e que na brincadeira deram seus primeiros passos guiando incentivadas por mim.

Resumindo, não faltou nada para um grande espetáculo. Mas, como todo show pode e deve ser melhorado, sugiro que no próximo evento elas possam instalar um som, mesmo que seja pequeno, para que todos em volta possam saber o que está acontecendo, quando ao cair da tarde se juntam para finalizar as comemorações.

PARABÉNS A TODAS ESTAS MULHERES QUE COMPARECERAM A ESTA CHAMADA!



MUTIRÃO COMEMORATIVO DOS DEZ ANOS DE REFLORESTAMENTO NO PÃO DE AÇUCAR

No dia 06.05.2012 tivemos mais um mutirão de reflorestamento no Pão de Açúcar. Dessa vez, a data foi marcante: o reflorestamento na face leste completou dez anos.

Para marcar o evento, providenciei camisetas comemorativas que estão sendo vendidas

ses 10 anos. Todos foram importantes e colaboraram para o resultado que se vê hoje: no Grotão da face leste, uma florestinha praticamente formada e no Costão da face leste, a recuperação possível, já que ali a camada de solo é muito rasa. Mas também ali temos trechos com nível de recuperação muito bom, com uma pequena matinha ao lado do mirante do Costão.



Milena, Tião, Henrique (em pé) e Sávio

para ajudar o projeto. Se você quiser ajudar adquirindo a sua (R\$ 30,00), mande um e-mail fazendo a reserva (saviorj@terra.com.br).

Fizemos o plantio no início da trilha do Morro da Urca, um trecho que está muito degradado. Foram plantadas 34 mudas e os voluntários tinham entre 5 e 80 anos.

Participantes:

Aldair Facundo, Angela Delphim, Bernardo Tigre, Bruno Graell, Carlos Schramm, Christina Bocayuva, Henrique Menescal, Jaqueline Macedo, João Tigre, Jorel Lopes, Mário Senna, Maysa Blay, Milena Duchiede, Paulo Gentil, Sheilayne, Tião(Sebastião)

Agradeço a todos os voluntários que ajudaram o projeto a se desenvolver ao longo des-

Outro trecho muito bem encaminhado, dadas as dificuldades de solo e inclinação, é o Costão Lagartinho, na face sul, que está sendo recuperado desde 2004 pelo CERJ (Centro Excursionista Rio de Janeiro), através dos mutirões que coordenam.

Inicialmente os mutirões só ocorriam ali, mas com o trabalho bem encaminhado e sendo a área limitada, os mutirões foram ampliados para a face leste.

Agradeço o apoio incondicional do CERJ, desde o início, a Secretaria Municipal de Meio Ambiente(SMAC), ao gestor do Monumento Natural, Paulo Gentil, a Femerj e a vocês, voluntários, que fizeram a diferença com seu apoio e trabalho.

Gostei dessa galera...



Centro Excursionista Rio de Janeiro

Fundado em 20 de janeiro de 1939

Sede Própria: Av. Rio Branco, 277/805
Edifício São Borja – 20047-900
Rio de Janeiro – RJ

Tel: 0 xx 21 2220-3548

WWW.cerj.org.br

Cerj@cerj.org.br

Reuniões sociais:

Quintas-feiras a partir das 20 horas